

çonoplaztía: desáiners çábem que lêtraz
nãum ção çons e palávraz nãum ção partitúraz.
a poezía dizcórda. çonopláztas trabalham. a
çonoplaztía dezcóla, ou cola, o çom no código
imajético da letra/palavra. çe ler fôr apênaz
dezlizár ólhoz ou dêdoz pela linguájen pré-
codificada, a çonoplaztía trabalha obediente
ao código, ou seja, fica na dela, discreta. máz,
çe lêr for apaupár a palavra com oz ólhoz –
extrañá-la porém dezejá-la, como em uma
primeira foda dezageitáda – e eintão agarrá-la
com a ateinssão e puchá-la para uma dânsa a
dois, o código gráfico çe çubvérte, como aquí,
e fórssa a çoletração a assionár a çonoplaztía.
açím, a leitura nãum é máiz e apênaz uma
decodificassão vizual lincada de fóрма direta
no cognitivo, maz a alto-audissão do que é
lido: ouvir-çe ler, mêzmo que çêja em çilêncio.
cuândo o código vizual eztivér çabotádo,
çolissíte o trabalho da çonoplaztía: çonoríze
com gêito que o çignificádo aparésse.

há algum tempo, pratico uma escrita que não revela a semântica pela imagem gráfica das palavras, mas pelo som soletrado através de um ler sem 'enxergar' a palavra.

nessa escrita, a ortografia é reinventada, ou errada, porém mantem-se a sonoridade das palavras para a geração de sentido - elas continuam decodificáveis, mas, agora, no plano do som e não da imagem ou grafia. ler passa a ser oralizar sílaba por sílaba ou letra por letra - em voz alta ou internamente - e reconhecer a palavra através dessa oralização que modula, sem hierarquia, a audição do som e a escuta da atenção. é na sonoridade ouvida e escutada que se reconhece a semântica e o sentido, e não na decodificação imediata da imagem já memorizada da palavra, que o olho reconhece como imagem total, sem soletrar.

somada à negação da transparência do texto - negação que demanda uma leitura que se percebe lendo - essa escrita deseja o corpo a corpo entre quem lê e o texto. ao contrário de textos transparentes ou 'bem escritos', aqui se convoca um engajamento necessário à leitura, como uma dança a dois cujos passos são tateados, negociados, engastados.

pensar sobre essa escrita surgiu da vontade de performar, ou dançar, o ato de leitura. não se trata de uma vontade poética, da performance oral efetivando a dimensão sonora do poema. nem mesmo trata-se de qualquer relação com o projeto verbivocovisual, cuja concretude utópico-geometrizada talvez responda pouco a questões mais conceituais e ainda menos a modos contemporâneos de escrita e leitura. trata-se de desejar que o momento da leitura seja um ato performatizado ou dançado entre a leitura e o que é lido - talvez algo a ver com o 'corpo como motor da obra', nesse caso dois motores em mútua ignição: texto e leitura. é dança a dois, não é poesia.

a prática dessa escrita tem gerado uma série de trabalhos que não só boicotam a ortografia - como a garantia de reconhecimento do código imagético da palavra - mas também a sintaxe e a linearidade da esquerda para a direita. assim, aquilo que, de início, é uma vontade de subverter a leitura imagética da palavra, acaba por formatar o texto como imagem tipográfica, não mais mancha gráfica.

fabio morais
ao lado, H.O.O.Q., de 2017

1
q
o
p
r
o
q
t
d
z
g